

Médicos Cientistas

Os seis meses dedicados à formação terminaram a 31 de Março, depois da passagem pelo Instituto Gulbenkian de Ciência (Oeiras), pelo Ipatimup (Porto) e pelo Instituto de Medicina Molecular (Lisboa). Os próximos dois anos serão fundamentais para que os dez médicos que compõem o primeiro Programa Gulbenkian de Formação Médica Avançada desenvolvam e aprofundem as matérias que escolheram para as suas teses de doutoramento. Com este Primeiro Plano fechamos um pequeno ciclo de entrevistas dedicado aos novos médicos-cientistas que acreditam na investigação científica como uma forma de melhorar a Medicina.

A medicina mais perto do laboratório

JOANA AZEVEDO não consegue dissimular o olhar de curiosidade, a vontade de procurar respostas às muitas questões que a sua profissão lhe coloca. Hematologista em Coimbra, nunca se afastou do laboratório, nem do conhecimento científico que os constantes casos que examina lhe exigem, mas este Programa trouxe-lhe ainda mais energia para continuar. A jovem, que aprendeu a ser médica num local recôndito de Angola, ao serviço de uma ONG, diz que o Programa de Formação Médica Avançada lhe trouxe a ciência de volta.



COMO TOMOU CONHECIMENTO DA EXISTÊNCIA DESTES PROGRAMA?

Soube através de um colega. Encontrámo-nos numa reunião de Hematologia e ele falou-me deste Programa da Fundação Gulbenkian, dizendo que achava ser ideal para o que eu pretendia. Entretanto, fui procurar informações na vossa página da Internet e vi o anúncio no *Público*. Como tive o apoio do Serviço, não perdi mais tempo e candidatei-me.

QUANDO SOUBE DA EXISTÊNCIA DESTES PROGRAMA JÁ PENSAVA FAZER UM PROGRAMA DE DOUTORAMENTO, SOBRETUDO VIRADO PARA A INVESTIGAÇÃO?

Já sentia vontade de aprender mais, de aprofundar conhecimentos e de ter uma base estruturada para o fazer. Digamos que já tinha o bichinho da ciência porque desde a faculdade que gostava de o fazer...

ONDE ESTUDOU?

No Porto. A minha faculdade (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar) estava muito voltada para este alargar da base de conhecimentos alicerçados nas ciências básicas, construindo a partir daí uma formação sólida, mais abrangente e não tanto limitada àquela Medicina mais clássica. Além disso, tive a possibilidade de trabalhar como voluntária num laboratório da minha faculdade durante uns meses. Depois entrei em Hematologia, que é uma especialidade que privilegia muito esta relação; sou tendenciosa, com certeza, mas penso que esta é das especialidades médicas a que faz melhor a ponte entre o conhecimento científico e a aplicação médica. Estamos sempre muito próximos do laboratório e trabalhamos com as duas faces do doente, não nos limitamos à abordagem clínica convencional; ou seja, temos o organismo, a pessoa, mas também a célula e a face molecular das patologias, e isso é, para nós, indissociável. Tive sempre muita vontade de perceber melhor as coisas, de tentar entender o porquê, e este meu interesse foi aumentando, estimulado até pelo tipo de trabalho clínico-laboratorial que se pratica no meu Serviço e na Hematologia. E quando vi o quadro de intenções deste Programa apercebi-me de que se adequava perfeitamente. Este Programa faz-me sentir que o trabalho todo que fizemos na faculdade e a experiência hospitalar não foram em vão, pode ser aproveitado como uma mais-valia para uma abordagem à ciência mais pura. Permite-nos recuperar um bocadinho o que em certos casos pode ser negligenciado na prática clínica quotidiana: o olhar para o todo com uma abordagem mais transversal, recuperando a importância dos conhecimentos bem alicerçados nas ciências básicas e na informação que vem do laboratório. É essencial, em todas as especialidades, cruzar o conhecimento que nasce da interligação com outras áreas científicas e conjugar isso com a nossa prática, com o que aprendemos no dia-a-dia e com o que a Medicina mais clássica nos traz, que é muito útil e incontornável.

O QUE É QUE FAZIA ANTES DE INICIAR O PROGRAMA?

Estava a fazer o internato de Hematologia clínica. Mas, ao longo do tempo, tenho tido o privilégio de poder contactar com realidades bem distintas. Mal acabei o curso, candida-tei-me à AMI como estagiária voluntária, e foi no Sul de Angola, num pequeno e degradado hospital, e em postos de saúde no meio do mato que comecei a aprender o que é isso de ser médico. Foi uma experiência intensa e marcante. Regressei a África como médica voluntária no ano seguinte, e estive na Guiné-Bissau há dois anos atrás, novamente pela AMI. Lá comecei a aprender a “arte” e agora este Programa devolve-nos a ciência.

“Este Programa faz-me sentir que o trabalho todo que fizemos na faculdade e a experiência hospitalar não foram em vão, pode ser aproveitado como uma mais-valia para uma abordagem à ciência mais pura.”

E O “REGRESSO ÀS AULAS” NA PRIMEIRA FASE DO PROGRAMA COMO FOI?

Ótimo! E muito estimulante porque é uma forma de abrir horizontes. Foi como se de repente começássemos a “regar” uma parte do nosso cérebro que estava esquecida, como que “em pousio”, e estimulássemos essa zona. É importante sentir que estamos a abrir caminhos que tinham ficado esquecidos ou a explorar outros.

ACHA QUE ESTA FASE IRÁ VALORIZAR ALGUM DO TRABALHO QUE FAZIA NO DIA-A-DIA?

Sem dúvida nenhuma.

APESAR DE NÃO TER UMA RELAÇÃO MUITO DIRECTA...

Acaba por ter. Muitas vezes lemos e estudamos artigos que são das mesmas revistas que lemos na prática clínica. Acaba sempre por haver uma ligação. Claro que, no futuro, esta ligação vai passar a ser cada vez mais profunda, com um maior sentido crítico, que tem vindo a ser desenvolvido com este Programa. Isto permite-nos ir mais além e também espreitar para outros lados. Ajuda-nos a ter uma visão mais “englobante” do que a tínhamos até agora. Muitas vezes demos connosco a dizer: “Eu nunca tinha pensado nisto assim.” E surpreendemo-nos e ficamos fascinados com a maneira diferente de olhar. O grande impacto deste Programa é mesmo esse: educar e desenvolver a maneira de pensar, com vista a uma autonomia crítica, criativa e bem fundamentada. Tenho a certeza de que, quando voltar à clínica, vou sentir esta diferença como algo enriquecedor.



***“Muitas vezes demos
connosco a dizer:
eu nunca tinha pensado
nisto assim.
E surpreendemo-nos
e ficamos fascinados com
a maneira diferente
de olhar.”***

***“Regressei a África como
médica voluntária no
ano seguinte, e estive na
Guiné-Bissau há dois
anos atrás, novamente
pela AMI. Lá comecei a
aprender a arte e agora
este Programa devolve-
nos a ciência.”***

JÁ TEM UM TEMA PARA DESENVOLVER NA SUA TESE?

Tenho sobretudo a área – patologia hematológica benigna, certamente nas patologias do glóbulo vermelho. É uma área na qual o meu Serviço é bastante diferenciado e que me interessa bastante. Não há muita gente a desenvolvê-la em Portugal, além do nosso serviço. Penso que a ideia deste Programa é também a de fortalecer a relação entre a ciência e a clínica, a partir do hospital. De facto, é partindo da realidade do doente, das dificuldades e interrogações com que nos vamos deparando, que surge a vontade de continuar a explorar, a estudar, a investigar. Neste momento, a ideia é alargar um pouco mais a amplitude da abordagem destas questões e estou a estabelecer uma parceria com um grupo de investigação no King’s College em Londres. Assim, espero aprender novas técnicas e estratégias para aprofundar o conhecimento que temos acerca destas e de outras patologias.

VAI SER FÁCIL DESENVOLVER UMA TESE EM PART-TIME?

Creio que não. Acho que é exequível, e que deverá moldar o carácter da tese, que será decerto mais próxima ou mais ligada à clínica, mas penso que é possível, contando com a boa vontade do Serviço.

QUANDO DECIDIU FAZER O CURSO, COMO É QUE O HOSPITAL ONDE TRABALHA ENCAROU ESSA MUDANÇA?

Julgo que ficaram satisfeitos e no meu Serviço tive total apoio. Sobretudo da minha orientadora e, particularmente, da directora, que estimulou muito esta candidatura. Ela tem desenvolvido um trabalho notável nesta área e tem a noção da importância de contactarmos com a diferença, com o que de melhor se faz em Portugal e no mundo, em investigação, e de como a prática clínica tem muito a ganhar com este intercâmbio. Este Programa é mesmo um nicho privilegiado para aprender! ■